

Se ninguém te ouve: escreva!

Querer dizer, fazer-se ouvir, ouvir o Outro, (des)dizer-se, dizer o outro, se ver no outro, são apenas anseios existenciais que perpassam as relações interpessoais em uma sociedade/comunidade. Muitos desses desejos nos impelem a ver no Outro a possibilidade de resposta e completude de nossos desejos mais recônditos. Aliado a isso está nossa eterna condição de seres da linguagem, em busca constante pela compreensão do que imaginamos ser.

O caos que caracteriza as relações humanas na contemporaneidade faz com que os sujeitos se vejam imersos em um processo de despersonalização. Há a tentativa de se estabelecer relações interpessoais que se mostram cada vez mais esvaziada de sentidos. Porém, mesmo aturdidos por essa condição de instabilidade, ao ínfimo desejo de se comunicar, emanam, a partir de ditos e não-ditos, discursos que acabam por representar aspectos tangíveis à subjetividade. Como afirma Mikhail Bakhtin (1999), “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”, reforçando o fato de ser a palavra/linguagem/discurso fator responsável por caracterizar os seres em seus mais diversos aspectos comunicacionais.

Subjazem de tais questões uma turbulenta e complexa tentativa de entendimento e inserção do/no mundo, ocasionando, nas identidades, um intenso processo de despersonalização. Decorre disso, sujeitos desestabilizados, prenes de indefinições e impermanências, responsáveis por retirar as bases que davam aos indivíduos referencialidade necessária à convivência social. Nesse decurso, observa-se o mundo fragmentado e a existência individual esfacelada por sucessões de episódios fragilmente interligados, podendo romper-se a qualquer momento, delineando, assim, indivíduos desajustados, cujas identidades flutuam no ar, algumas escolhidas pelos sujeitos outras à sua mercê.

Observamos, então, que as identidades são incessantemente (re)construídas e (re)inventadas, desenhando uma luta permanente em sua defesa, para que os sujeitos possam ilusoriamente serem protegidos. Há, portanto, uma condição provisória das identidades, derivada do parco estabelecimento de relações humanas, vazias ou

esvaziadas de significados. Nesse ínterim, a linguagem vai cedendo lugar ao silêncio e ambos não representam mais a incansável busca de entendimento entre o eu, o outro e o mundo, mas, sim, a procura de conhecimento de si, algo inalcançável, resultando em um sentimento de insatisfação e pessimismo.

Os sujeitos se veem obrigados a viver uma vida paradoxal e contraditória, compelidos a estabelecer uma luta contínua e ineficaz pela ilusória fixidez do real que, devido a seu caráter mutável, se desfaz ante o desejo de concretude, consolidando-se, assim, como algo fluído, que se desconstrói à medida que é pensado e vivido pelo ser que o anseia. Há então, a quase ineficaz busca de se dizer enquanto sujeito para o Outro que, quase sempre, em virtude desse mundo contemporâneo e tudo o que ele nos impõe, não está apto ou interessado em ouvir.

Com fundamento em tais questões, é perceptível que a vida em comunidade se tornou, quase sempre, esvaziada de um dos seus principais sentidos, (com)partilhar. O outro não representa mais o ser a partir do qual o discurso reflete e refrata dialogicamente o que somos. Logo, quando pensamos em um nome para esta revista, nos veio justamente a reflexão acerca do sentido de comunidade enquanto unidade social em que os sujeitos compartilham/comungam algo em comum, percorrendo campos tangíveis às ideologias, às culturas, às memórias, às identidades, entre outros, num contínuo processo de identificação e associação íntima e integrada entre seus membros a partir da escrita. Por isso, se ninguém te ouve: escreva!

Nesse sentido, a Revista Communitas, nasceu no âmbito das discussões do Grupo de Pesquisas em Memórias, Identidades, Currículos e Culturas – GpMICC, do Centro de Educação e Letras, do *Campus* Floresta da Universidade Federal do Acre, com o intuito de fomentar a discussão dialógica e ambivalente da Educação e das Literaturas, configurando-se como um canal interdisciplinar, e alternativo, para a tessitura de um campo teórico-epistemológico-metodológico-político na publicação de trabalhos inéditos resultantes de pesquisas desenvolvidas, em âmbito nacional e internacional, por sujeitos que pensam e trabalhar suas áreas de investigação, para além de um dado universal, hierárquico e hegemônico.

Este é apenas o nosso primeiro número e ficamos surpresos com a reverberação que tivemos, quando apenas divulgamos entre nossos pares, aliando ainda com algumas publicações nas redes sociais. Desde a sua criação e concepção, até

o fechamento deste número em nosso primeiro volume recebemos um total de 35 artigos, com autores vinculados a diferentes regiões do Brasil, inclusive de outros países! Assim, do total de artigos submetidos 24 foram aprovados pelos nossos pareceristas *ad-hoc* e recomendados para publicação.

Ainda com relação ao processo de criação, devemos comunicar que mesmo ainda muito jovem, obtivemos a indexação da revista em algumas das principais bases de indexadores, tanto nacionais quanto internacionais, o que nos reporta a um caminho promissor em futuras avaliações.

Tal reverberação, e avaliações atribuídas pelos indexadores, nos surpreendeu e tem nos motivado a seguir o caminho na aposta de consolidar a Revista Communitas enquanto um periódico sério, capaz de tornar publicável diferentes vozes, diferentes discursos e debates, que possam promover a retomada de uma consciência crítica de nossas vidas. Afinal, como o próprio título deste primeiro número: “se ninguém te ouve: escreva!”

Sendo assim, sem mais delongas e muito menos longe de querer fazer qualquer outra apresentação formal, convidamos vocês leitores a fazerem parte desta promissora história e mergulharem nos textos e discursos que nosso sentimento de comunidade nos incita a partilhar!

Boa leitura!

Rafael Marques Gonçalves
Yvonélio Nery Ferreira
Editores da Revista Communitas